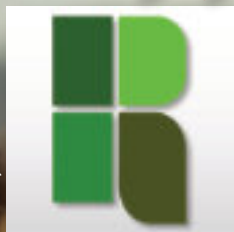


ANO XXVIII Nº 319

R\$ 25,00



RRNEWS



Revista Rural

A revista do setor



A Elanco, uma empresa há 70 anos focada em sanidade para produtividade e rentabilidade, tem o orgulho de os seguintes produtos:



e e nutrição animal, entregando as melhores soluções
compartilhar que foi a preferida do produtor com



Construindo a pecuária do

futuro.

ANOS



**Haras Lagoinha
oferece um
Mangalarga Pampa
lindo e super
funcional para o
esporte e lazer**

11



**O sucesso comercial e ambiental
de quem apostou firme na
agricultura regenerativa**

23



**Produção de tilápias em
sistema de bioflocos
garante maior produção
e economia de água**

59



Revista Rural é uma publicação mensal da Criação Assessoria Comunicação e Comércio Ltda
Rua Coriolano 1642 Torre 1 cj 22 - Vila Romana - São Paulo/SP - CEP 05047-001 - PABX 11 3022-4260
● **Diretor de Redação:** Flávio Albim (flavio@revistarural.com.br) ● **Diretor Administrativo:** Vitor Albim
(vitor.albim@revistarural.com.br) ● **Diretora Comercial:** Ana Carolina Domingues Albim
(carol@revistarural.com.br) ● **Edição digital:** disponível gratuitamente na Apple Appstore, Google Play e
Amazon ou leia a edição online em www.revistarural.com.br. ● **Siga Revista Rural no Facebook, Instagram e
Linked In.** ● **Programa Revista Rural:** é uma versão eletrônica da revista impressa, e vai ao ar aos domingos, às
8h30 da manhã, para todo o Brasil, via satélite (SKY), via parabólica digital e através das principais operadoras
de TV por assinatura. Ele é exibido nos canais AGRO BRASIL TV, REDE TV PARANÁ, C3TV, TV SITIO, TV SUL, REDE
NGT, TV MILAGRO BRASIL, SOUTV, UNIQUE TV, STV (Moçambique), e REDE GIRASSOL DE TELEVISÃO (Angola). ●
TV Revista Rural: Assista nosso conteúdo em [youtube.com/tvrevistarural](https://www.youtube.com/tvrevistarural). ● **Portal de Notícias:** Fique por
dentro de tudo o que acontece diariamente no agronegócio acessando www.revistarural.com.br.

ANO XXVIII • Nº 319
outubro/2025



É MAIS QUE MILHO, É O MILHO Nº 1 DO BRASIL.

Fonte: Kynetec, 2004.



Uma marca que vive o dia a dia do produtor, sempre em busca de inovação e de mais possibilidades na agricultura. É mais do que uma marca de sementes, é Pioneer®.

Somos a marca nº 1 em milho, oferecendo mais do que genética de qualidade. Somos a marca nº 1 porque estamos verdadeiramente ao seu lado.

SUPLEMENTAÇÃO ALIMENTAR EM CORDEIROS AUMENTA PRODUTIVIDADE E REDUZ EMISSÃO DE METANO

Um experimento conduzido pelo Programa de Pós-Graduação em Zootecnia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), demonstrou que a suplementação alimentar pode elevar significativamente a produtividade da ovinocultura e, ao mesmo tempo, reduzir a intensidade das emissões de metano (CH₄) por quilo de carne produzida.

Realizado no inverno de 2024, o experimento avaliou cordeiros da raça Texel, com 10 meses de idade inicial, durante 146 dias em três sistemas de pastejo: apenas gramíneas (azevém sobressemeado em Tifton 85), gramíneas associadas a leguminosas e gramíneas com suplementação alimentar, fornecida diariamente em quantidade equivalente a 1% do peso corporal dos animais.

De acordo com a doutoranda em Zootecnia Dinah Pereira Abbott Rodrigues, responsável pelo experimento, o ganho de peso por hectare no tratamento com suplementação foi 96% superior ao sistema apenas com gramíneas e 56,2% maior em relação à associação com leguminosas. A produção

de carcaça também apresentou ganhos relevantes: 124% maior em relação ao pastejo de azevém exclusivo e 67,9% acima do consórcio. “Apesar das condições climáticas extremas no Rio Grande do Sul em 2024, marcado pelas inundações, os resultados em ganho de peso e carcaça foram surpreendentes”, analisa a pesquisadora.

Um dos resultados mais impactantes do estudo está relacionado à sustentabilidade da produção. A pesquisa mediu a intensidade de metano (CH₄), um indicador que relaciona as emissões de gases de efeito estufa com o desempenho animal. O sistema com suplementação apresentou emissão 67,1% menor de metano por quilo de carcaça produzida, em comparação com o pastejo exclusivo de azevém.

A coordenadora do estudo, professora Luciana Pötter, explica que a medição foi feita por meio de câmaras portáteis de acumulação de gases (PAC), metodologia que permite avaliar de forma prática e precisa as emissões individuais. “A redução na intensidade das emissões mostra como estrat

tégias nutricionais podem tornar os sistemas de produção mais eficientes e reforçar o papel da pecuária como aliada na mitigação dos gases de efeito estufa”, afirma.

Aplicação prática para o produtor

De acordo com a doutoranda Dinah Rodrigues, os resultados do estudo indicam que o investimento em manejo de pastagens e estratégias alimentares pode acelerar o ciclo produtivo, otimizar o uso da terra e garantir maior rentabilidade com menor impacto ambiental. “A pesquisa fornece dados científicos que podem auxiliar os produtores a planejar o uso das pastagens e equilibrar os custos com a suplementação para obter sistemas mais eficientes e sustentáveis”, afirma.



MG12 *Panicum*

PAREDÃO

DESDE 1948



MATSUDA



Produce
35
toneladas
ha/ano de M.S.



TOLERANTE
À CIGARRINHA

Rápido rebrote

Mais Carne - Mais Leite



MG12 Paredão se destaca pela alta produção de forragem e qualidade nutricional, tolerante à cigarrinha, ideal para leite e carne em todas as fases (cria, recria e engorda) e também para ensilagem.



@grupomatsuda

QUILOMBOLAS REALIZAM PRIMEIRA COLHEITA DE ALGODÃO AGROECOLÓGICO NO MARANHÃO

Batizado de Algodão da Liberdade, o projeto Algodão em Consórcios Agroecológicos está colhendo os primeiros resultados na comunidade quilombola São Maurício, localizada no município de Alcântara, no Maranhão. No dia 10 de setembro, foi realizada a colheita da primeira etapa do projeto-piloto implantado na comunidade em dia de campo promovido pelo Governo do Maranhão, por meio da Secretaria de Estado da Agricultura Familiar (SAF), em parceria com o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), Embrapa Algodão, Prefeitura de Alcântara, Sindicato de Trabalhadores Rurais de Alcântara e Consórcio Nordeste.

Na ocasião, foram realizadas uma retrospectiva da implantação do projeto, em março deste ano, e a apresentação dos resultados do cultivo do algodão consorciado com outras culturas alimentares em sistemas agroecológicos.

Uma das beneficiárias do projeto é a agricultora Eliane Rodrigues, moradora da comunidade São Maurício. “O Algodão da Liberdade é mais que um projeto, é um sonho realizado e a esperança para o futuro dessa comunidade. A nossa expectativa é certificar esse algodão, expandir a produção, gerar renda para a comunidade, produzir roupas, comercializar, trabalhar o artesanato”, afirmou.

Para o secretário da SAF, Bira do Pindaré, o momento de colheita marca uma nova fase para o sucesso do projeto. “Alcântara, no passado, foi uma grande produtora de algodão utilizando mão de obra escravizada. Hoje, a cidade renasce com a expectativa de que, agora, a liberdade vai gerar renda, incentivar a produção de alimentos e garantir segurança alimentar das famílias de agricultores, por meio das ações que o projeto Algodão Agroecológico vem desenvolvendo na comunidade São Maurício. Vimos as sementes serem plantadas aqui, e agora testemunhamos a colheita”, disse Bira do Pindaré.

O coordenador do projeto e pesquisador da Embrapa Algodão, Frederico Lisita, apresentou a evolução do projeto que culminou na colheita do algodão. “Essa é a colheita do primeiro ciclo do projeto no Maranhão, e que é um projeto que engloba todos estados do Nordeste para fortalecimento e ampliação do algodão agroecológico em consórcios alimentares na região do Semiárido. Aqui, em São Maurício, o projeto está sendo executado em uma área demonstrativa de



um hectare, onde foram plantados algodão em consórcios com culturas alimentares como o gergelim, milho, mandioca, moringa, e variedades de algodão branco, marrom e verde,” afirmou o pesquisador.

Na ocasião, foi firmado o acordo de cooperação técnica entre a SAF e a Embrapa Algodão para transferência de tecnologia e capacitações de técnicos e agricultores do projeto. As capacitações abordarão orientações técnicas sobre cultivo de algodão agroecológico e orgânico, desde o preparo do solo até a colheita e certificação, através da prática e da experimentação participativa, com a implantação de unidades de aprendizagem e pesquisa, promovendo uma produção sem o uso de insumos químicos e com preços diferenciados.

Sobre o projeto

O Algodão da Liberdade integra o Projeto de fortalecimento do algodão em consórcios agroecológicos, cujo objetivo é ampliar as áreas de cultivo do algodão agroecológico para beneficiar agricultores de todos os estados da região Nordeste, além do Semiárido de Minas Gerais. Coordenado pela Embrapa Algodão, com financiamento do Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar (MDA), o projeto conta com a parceria da SAF, do Consórcio Nordeste e da Prefeitura de Alcântara.

De geração
a geração,



é com o
Bradesco que
o agro conta.

Ano-safra 2025/2026:
conheça as
soluções de crédito.



Crédito sujeito à aprovação. Simultaneamente aceita-se o termo de adesão dos produtos. Fone: 0800 000 0000. Ano-safra 2025/2026. SAC - At. Bradesco: 0800 704 8365. SAC - Def. Dir. At. Bradesco: 0800 727 0099. Ouvidoria: 0800 727 1915. Fone: 0800 000 0000.





Beleza e função andando juntas

A pelagem pampa conquistou o gosto dos cavaleiros. No Haras Lagoinha, maior criador de Mangalarga Pampa do Brasil, o cavalo tem que ser bonito e bom para o passeio.

Texto: Bruno Zanholo • Fotos: Davi Canto e Leandro Maciel



O sonho de criança que se tornou realidade e tem feito história na equinocultura brasileira. Foi assim que, há mais de quatro décadas, nasceu o Haras Lagoinha, localizado na cidade de Jacareí/SP, e que hoje é referência na criação e exposição da raça Mangalarga Pampa.

“Desde pequena eu fazia recorte de imagens e pedia uma fazenda para o meu pai”, diz Marisa Iorio, proprietária do haras. Na procura por um lugar, a família comprou um terreno dentro do Condomínio Lagoinha. “Comecei a criar dentro de casa. Depois compramos mais três áreas, e quando eu tinha 19 anos e estava casada, consegui adquirir o haras, que na realidade é a extensão disso tudo”.

Na escolha da raça, Marisa conta que sempre quis trabalhar com uma nacional, e a escolhida foi o Mangalarga. “Para se ter ideia, essa foi a primeira associação registrada dentre todas no País, há nove décadas”. Incrementando a criação, há 27 anos o mercado passava por um momento de estagnação, com as pessoas pedindo uma pelagem diferente para seus cavalos. “Eu tinha uma égua pampa e, com ela consegui gerar o Montebianco do PEC, que hoje está no livro de méritos da associação. A partir daí a minha história começou a mudar”, declara a criadora.

O haras conta com o plantel de 240 cavalos e mais 72 para nascer. Por lá, a estrutura foi desen-



volvida para servir como um “showroom” de vendas, além de fornecer todos os cuidados necessários para os animais de exposição. Fora os indivíduos que ficam nas baias, as éguas em gestação andam soltas nos piquetes, juntos dos potros. “Faço questão de receber os clientes para saber a realidade de cada um. Às vezes, em um leilão, as pessoas se deixam levar pela emoção e levam para casa algo que não era realmente necessário. Aqui, consigo personalizar o atendimento e crio um elo de amizade, o que, para mim, é importante e faz crescer a marca”, declara.

Bem-estar é obrigação

Na missão de formar campeões, o investimento no bem-estar dos animais é lei, e a nutrição é parte fundamental dentro dessa realidade. “É preciso ter uma bela pastagem, um feno de primeira linha e uma alimentação balanceada”, diz Marisa. Segundo ela, os profissionais que cuidam disso analisam indivíduo por indivíduo. “Os cavalos de exposição têm três tratos ao dia.

“SÃO FILHOS DA MINHA CRIAÇÃO, QUE EU QUERO QUE SEJAM BEM CUIDADOS. POR ISSO ME ENVOLVO E INTERAJO COM QUEM COMPRA MEUS ANIMAIS, ALÉM, CLARO, DE BUSCAR FOMENTAR CADA VEZ MAIS O MERCADO DESSA RAÇA NO PAÍS”, DECLARA MARISA IORIO, PROPRIETÁRIA DO HARAS LAGOINHA.

Uma vez que o estômago do animal é pequeno, ao fracionar a quantidade, há o melhor aproveitamento dos nutrientes”. A saúde e higiene do plantel também fazem parte do bem-estar, e, no Lagoinha, todos passam por protocolos de vermifugações e vacinas. “Essa junção é a base do sucesso”, diz a criadora.

Na pista do sucesso

O Haras Lagoinha possui, atualmente, o terceiro maior plantel de Mangalarga do Brasil. Além disso, há 26 anos, é o maior cri-

ador e expositor de Mangalarga Pampa. E são diversos os detalhes que fazem desses animais verdadeiras estrelas. “É preciso ser profissional desde antes da gestação das éguas”, diz Marisa. Ela conta que, a partir do nascimento dos potros, os cuidados passam pelo casqueamento, vacinas, vermifugações e até mesmo a pesagem da placenta. “Serve para direcionarmos a altura e como o animal chegará até a performance de pista”. Um campeão também precisa de doma, treinamento e estrutura. “É um cavalo que tem que ser atleta e, ao mes-



**O Haras Lagoinha possui atualmente
o terceiro maior plantel de Mangalarga do Brasil.
Além disso, há 26 anos é o maior criador
e expositor de Mangalarga Pampa.**

mo tempo, ter a beleza morfológica”, diz a empresária. Pelo fato do bordado de nenhum indivíduo ser igual ao outro, Marisa brinca que a pelagem da raça é a “pintura de Deus”. “A beleza racial do Mangalarga Pampa do PEC é um diferencial”.

Fruto de toda preparação e cuidado com o plantel, o haras é

constantemente premiado em exposições e competições, que reconhecem sua qualidade e importância na equinocultura brasileira. “Cada vitória é uma emoção diferente. Qualquer premiação é resultado de um trabalho em conjunto da equipe, não só meu. Afinal, aqui trabalhamos como um só”, declara Marisa.







Na missão de formar campeões, o investimento no bem-estar dos animais é lei, e a nutrição é parte fundamental dentro dessa realidade.

**Elegância
e funcionalidade**

Para se ter um animal de excelência, é preciso agregar genética, morfologia e funcionalidade. Nesse sentido, as raças brasileiras geralmente possuem quatro marchas. “A do Mangalarga se chama progressiva. Não se cansa nem o cavalo, nem o cavaleiro. É importante que o animal vá bem nas cavalgadas, no lazer, e na lida com o gado”.

Algumas características são fundamentais nessa morfologia, como, por exemplo, a paleta estar num ângulo que leve para frente seu anterior, enquanto seu posterior atua como o motor de impulsão. “Chamamos de marcha diagonalizada com ínfimo de dissociação”, comenta a criadora. Outro ponto importante é que o pescoço tem que ser piramidal. “Ele é o leme do cavaleiro, ou seja, precisa ser suave e confortável na monta”.



Fruto de toda preparação e cuidado com o plantel, o Haras Lagoinha é constantemente premiado em exposições e competições, que reconhecem sua qualidade e importância na equinocultura brasileira.

O peso da marca “Do PEC”

“Eu quero um PEC”. Essa é a frase que virou um jargão nas ligações e mensagens que o haras recebe. Segundo Marisa, os clientes do haras a procuram pois sabem que além da qualidade dos cavalos, eles serão bem tratados no atendimento. “Busco fazer o mais personalizado possível. Vejo como um diferencial

nosso e faz com que as pessoas se sintam importantes, como de fato são”, declara.

Para a empresária criar cavalos vai além de apenas trabalhar a parte comercial. “São filhos da minha criação, que eu quero que sejam bem cuidados. Por isso me envolvo e interajo com quem compra meus animais, além, claro, de buscar fomentar cada vez mais o mercado dessa raça no País”.



RECONHECIDO COMO
“O CAVALO DE SELA
BRASILEIRO”, O MANGALARGA
DO HARAS LAGOINHA PROVA
QUE A RAÇA É TAMBÉM MUITO
BOA PARA O ESPORTE.

Emoção e legado

Para a empresária, a criação de cavalos também está ligada a parte emocional. Segundo ela, esse é um animal que exala puro amor. “E a partir do momento em que oferecemos esse amor, eles retribuem por completo”.

Com tudo que foi construído ao longo dos últimos mais de 40 anos, o orgulho salta aos olhos de Marisa Iorio. A importância que o Pampa tem dentro do Mangalarga vem do resgate que o haras fez, e hoje, 80% de toda a pelagem pampa da raça é proveniente do Monteblando do PEC. “Fiz com amor e me emociono quando relembro a trajetória vivida até aqui. É um legado que deixaremos”, completa.









A close-up photograph of a dried corn cob on its stalk, set against a background of other dried corn plants and a clear blue sky. The corn cob is the central focus, with its husk partially peeled back, revealing the dried kernels. The lighting is bright, creating strong shadows and highlights on the dried plant matter.

Produzindo e preservando

Adotando os conceitos da agricultura regenerativa,
propriedade consegue potencializar a produção
sem esgotar os recursos

Texto: Roanna Kerbe • Fotos: Davi Canto



A Fazenda Estância, em Pirassununga, SP, tornou-se um modelo de sucesso no agronegócio ao provar que é possível aliar alta produtividade com regeneração do meio ambiente e resiliência frente aos desafios climáticos. Sob a gestão das irmãs e sócias Nathalia Vick, gestora de agronegócios, e Aline Vick, economista, a propriedade familiar, que produz soja, milho, sorgo, mandioca e cana-de-açúcar há

cerca de 20 anos, aderiu à agricultura regenerativa como plano principal.

Os resultados da fazenda são alcançados a partir de um projeto que começa antes mesmo do plantio. Para garantir a saúde do solo e assegurar o sucesso da próxima safra, durante o período de colheita do milho, já se inicia o planejamento do plantio de soja. Aline Vick detalha as estratégias em campo: "A gente já fez alguns talhões da fazenda com

Os planos da Fazenda Estância estão alinhados a programas como o Pro Carbono, iniciativa que busca suprir a falta de informação técnica sobre a agricultura regenerativa.



plantas de cobertura, visando deixar uma boa palhada. Os talhões que não foram de área comercial, igual aqui no milho, a gente vai usar novas tecnologias e muitos produtos biológicos, como inoculantes, bioinseticidas e biofungicidas."

Um exemplo prático dessa inovação é o estudo realizado com um sensor que mede o nitrogênio no solo, permitindo diminuir a adubação nitrogenada da cultura. De acordo com as gestoras da Fazenda Estância, a saúde do solo é chave para a estabilidade da produção, permitindo "produzir mais com menos recursos e menor pegada de carbono."

ADMINISTRANDO A PROPRIEDADE DESDE 2018, ALINE E NATHALIA DIVIDEM AS RESPONSABILIDADES ENTRE AS ESTRATÉGIAS DA FAZENDA E A GESTÃO DO ARMAZÉM DE GRÃOS.

Produzir mais, poluir menos

Os planos da Fazenda Estância para a sustentabilidade estão alinhados a programas como o Pro Carbono da Bayer, iniciativa que busca suprir a falta de informação técnica sobre a agricultura regenerativa em condições tropicais e conectar o produtor na jornada de mitigação do carbono.



Os resultados da fazenda são alcançados a partir de um projeto que começa antes mesmo do plantio. Para garantir a saúde do solo e assegurar o sucesso da próxima safra.

Até o momento, o programa hoje conta com mais de 2.000 agricultores e soma mais de 200 mil hectares no Brasil. "Há cinco anos, a gente percebeu que tínhamos alguns desafios para atravessar. Sentíamos que faltava mais informação técnica de como o carbono e a agricultura regenerativa se comportam nas condições tropicais," afirma Felipe Albuquerque, Diretor de Sustentabilidade da divisão agrícola da Bayer para a América Latina.

A mensuração dos resultados é feita por meio de um conjunto de índices. "O primeiro ponto é a produtividade. O segundo são os impactos na natureza, então analisamos a saúde do solo, esse é um ponto crucial, bem como o carbono," explica Felipe, ressaltando o potencial da agricultura para tirar CO₂ da atmosfera e estocá-lo no solo, o segundo maior reservatório de carbono no mundo. Com suporte do programa Pro Carbono, as análises de solo



revelaram o teor de carbono, e o mapa de colheita do FieldView mostrou uma alta correlação: "onde eu tinha mais carbono produzia mais", destaca Aline.

Além disso, a fazenda atua diretamente na redução das emissões, reconhecendo que os maiores emissores são os fertilizantes nitrogenados e as máquinas. Desta forma, a troca da ureia convencional por ureia protegida ou nitrato, fontes que emitem menos óxido nítrico, se tornou uma estratégia.

Os esforços renderam frutos: durante a safra 2024/2025, as emissões de soja ficaram 60% abaixo da média brasileira, e as de milho de segunda safra, 46% abaixo da média nacional.

Resiliência climática e tecnologia

A rotação de raízes é outra estratégia essencial na Fazenda Estância, visando nutrir e preservar o solo. Atualmente, nabo, milho e braquiária foram escolhi-





Com suporte do programa Pro Carbono, as análises de solo revelaram o teor de carbono, e o mapa de colheita do FieldView mostrou uma alta correlação: onde tinha mais carbono produzia mais.

dos para fazer esse trabalho. Para Felipe Albuquerque, esse olhar de longo prazo é fundamental. “Em áreas de mix de cobertura, sem plantio de safrinha, a rotação proporciona maior biodiversidade, além de conservar mais água nesse solo. Então a próxima soja que será plantada será mais produtiva e sofrerá menos com intempéries climáticas”.

Essa resiliência é um ganho visível para as irmãs Vick. “Os

anos nunca são iguais, mas temos conseguido uma produção estável na maioria desses anos”, afirma Nathalia.

Essa estabilidade é comprovada: mesmo em períodos de chuvas escassas, em talhões com menor pegada de carbono, a produtividade de soja atingiu 77 sacas por hectare.

A agricultura digital também é parceira nesse processo. A fazenda utiliza softwares com inteligência artificial, piloto automáti-





FELIPE
ALBUQUERQUE,
DIRETOR DE
SUSTENTABILIDADE
DA DIVISÃO AGRÍCOLA
DA BAYER:
"HÁ CINCO ANOS, A
GENTE PERCEBEU QUE
TÍNHAMOS ALGUNS
DESAFIOS PARA
ATRAVESSAR.
SENTÍAMOS QUE
FALTAVA MAIS
INFORMAÇÃO
TÉCNICA DE COMO O
CARBONO E A
AGRICULTURA
REGENERATIVA SE
COMPORTAM NAS
CONDIÇÕES
TROPICAIS".

co nas máquinas, e faz levantamento para diminuir as manobras, economizando combustível. "A gente gosta de fazer alguns testes com startups, então às vezes usamos alguns adubos mais inteligentes e produtos como fixador de nitrogênio, que tira nitrogênio do ar e coloca na folha, para não precisar da adubação nitrogenada," explica Aline.

Uma parceria de irmãs

Administrando a propriedade desde 2018, Aline e Nathalia dividem as responsabilidades entre as estratégias da fazenda e a gestão do armazém de grãos.

"Tem sido uma parceria bem gostosa, agora a gente mudou um pouco, de irmãs fofos para sócias," compartilha Nathalia sobre a sucessão familiar. Aline complementa: "A gente teve que se unir para convencer meu





Durante a safra 2024/2025, as emissões de soja ficaram 60% abaixo da média brasileira, e as de milho de segunda safra, 46% abaixo da média nacional.



pai, que era da outra geração, de fazer algumas coisas diferentes, então isso até nos uniu mais, tivemos que defender juntas essas ideias, para conseguir uma mudança de paradigma. Hoje, nosso pai também defende a sustentabilidade aqui na fa-

zenda, enxerga os benefícios e não pensamos em voltar atrás."

O compromisso com o meio ambiente também se estende para as áreas de preservação. Recentemente, a fazenda realizou um estudo de biodiversidade em suas áreas de reserva legal e floresta nativa remanescente, incluindo estudo e acompanhamento da microbiota do solo, avaliação crucial para obter os melhores resultados na produção de soja.

Coisa chique!

A helicultura, criação comercial de caracóis, ainda é uma atividade pouco popular no Brasil. Ainda assim, o alto valor agregado e a demanda do mercado gourmet têm atraído novos produtores.

Texto: Roanna Kerbe • Fotos: Davi Canto





Antes de ingressar nesse ramo, porém, é fundamental conhecer as características do animal e as técnicas adequadas de criação.

A história da Helix Escargots, em Piracaia, interior de São Paulo, começa com a trajetória de Carlos Alberto da Fonseca Funck. “Essa propriedade onde estamos era dos meus pais, adquirida em 1954. Eu cursei engenharia agrônoma e, quando me formei em 1969, começamos a plantar eucalipto e pinus. Mas o sítio era mais uma casa de fim de semana. Depois, percebemos que ele precisava ter uma atividade produtiva mais rápida e começamos a buscar algo compatível com o tamanho da propriedade e o investimento possível”, conta.

A ideia de criar escargots surgiu de uma experiência pessoal. Durante uma viagem de 65 dias pela Europa, Carlos experimentou escargot pela primeira vez, na França, ele comeu escargot pela primeira vez e gostou.

Mais tarde, quando decidiu que o sítio teria uma nova atividade, a pesquisa pelos dados de importação de escargot chamou a atenção, porque não era expressiva. “Pensei: se há consumo e não há produção, por que não criá-los aqui?”, relembra Carlos.

Desafios e curiosidades da criação

Parceira de vida e na gestão do negócio, Celina Gutierrez explica que criar caracóis exige atenção



especial às condições climáticas. “O mais desafiador é estar no lugar certo, com temperatura e umidade adequadas, já que esse animal não é nativo do Brasil. E também é importante conhecer um pouco de culinária, porque muita gente diz que não gosta sem nunca ter experimentado”, comenta.

Ela destaca ainda o valor nutricional do escargot: “É um animal extremamente limpo, com uma carne rica em proteína. Se você olhar a história, vai ver que é um alimento consumido pelo ser humano desde as cavernas.”

Além de fornecer escargots para restaurantes, hotéis e famílias, o empreendimento também oferece consultoria gratuita e garante a compra da produção de criadores parceiros. “Um kit técnico hoje custa entre R\$ 180 e R\$ 200, com apostila, livro e DVD. A gente não vende matrizes sem que o novo criador tenha bagagem técnica. Assim, garantimos que ele vá até o final e tenha retorno econômico, vendendo os animais para nós ou usando nossa consultoria”, explica Carlos.

CARLOS ALBERTO DA FONSECA FUNCIA: “SE HÁ CONSUMO DE ESCARGOT E NÃO HÁ PRODUÇÃO, POR QUE NÃO CRIÁ-LOS AQUI?”. PARA CELINA GUTIERREZ, PARCEIRA DE VIDA E NA GESTÃO DO NEGÓCIO, CRIAR CARACÓIS EXIGE ATENÇÃO ESPECIAL ÀS CONDIÇÕES CLIMÁTICAS.



A ideia de criar escargots surgiu de uma experiência pessoal, durante uma viagem de 65 dias pela Europa, quando experimentaram a iguaria pela primeira vez.

Após a formação técnica, recomenda-se iniciar com três a cinco dúzias de matrizes. Cada dúzia custa R\$ 600, e o ciclo produtivo leva de cinco a sete meses para gerar o produto final, dependendo das condições do criatório.

Estrutura e manejo

Planejar a estrutura adequada é essencial para o bem-estar dos animais. Carlos lembra que co-

meçou de forma simples, colocando os animais em caixa de madeira, na despensa. Hoje, o uso de caixas plásticas é mais prático, sendo mais leves, baratas e fáceis de higienizar. Segundo o produtor, é possível começar até em uma garagem, com prateleiras.

A temperatura ideal do local varia entre 18 e 22 °C, com pouca iluminação direta. À medida que crescem, os caracóis são transferidos para caixas maiores. “A cri-



ação aumenta rápido, então você vai adaptando os materiais. Usamos muita sucata, como ferro e madeira para evitar desperdício e reduzir custos. Também instalamos telas para proteger de pássaros e usamos tinta antifuga nas estufas”, explica.

Alimentação e reprodução

Na propriedade, a alimentação é natural e balanceada. Durante a época de chuva é oferecido urtiga e o excedente da horta de couve, tudo proveniente da horta orgânica do sítio. Para o crescimento e engorda, é fornecida ração com calcário, ingrediente crucial para a formação da concha.

As refeições ocorrem duas vezes por semana, seguidas da limpeza dos cochos, o que ajuda a prevenir pragas e doenças. A irrigação é feita diariamente, preferencialmente à noite, já que os animais têm hábito noturno.

O ciclo produtivo requer atenção especial na fase dos filhotes. Os caracóis são hermafroditas incompletos, ou seja, precisam de um parceiro para

CARLOS AUGUSTO TARGA ROMANI, ESPECIALISTA AGROPECUÁRIO DA CASA DA AGRICULTURA DE PIRACAIA: “A CATI TEM UNIDADES EM TODO O ESTADO DE SÃO PAULO E ESTÁ À DISPOSIÇÃO PARA ORIENTAR O PRODUTOR SOBRE ESTRUTURA, ALIMENTAÇÃO, TEMPERATURA, UMIDADE E AQUISIÇÃO DE MATRIZES DA ESPÉCIE CORRETA”.



a fecundação. As posturas ocorrem o ano inteiro, e cada uma pode render em média 137 ovos.

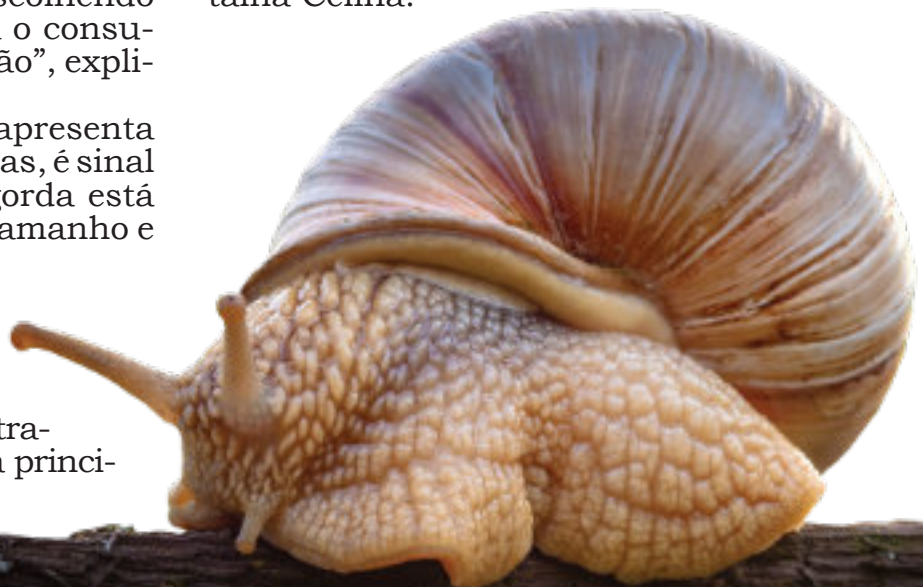
“O ninho precisa ter umidade adequada para que os filhotes consigam emergir à superfície. Além disso, é importante selecionar bem as matrizes, escolhendo os animais ideais para o consumo ou para a reprodução”, explica Carlos.

Quando o animal apresenta bordas da concha viradas, é sinal que o processo de engorda está concluído, ele atingiu tamanho e peso ideais.

Do criatório à mesa

A etapa final é a mais trabalhosa, mas também a princi-

pal responsável pela lucratividade. “Quando sai do criatório, o escaragot passa por seleção de tamanho, concha e peso. Depois, faz um jejum de cinco dias para limpeza completa. A carne chega à mesa absolutamente limpa”, detalha Celina.





Recomenda-se iniciar com três a cinco dúzias de matrizes. Cada dúzia custa R\$ 600, e o ciclo produtivo leva de cinco a sete meses para gerar o produto final, dependendo das condições do criatório.

Em seguida, o produto passa por pré-cozimento com ervas aromáticas, extração das conchas e congelamento. As embalagens são feitas em dúzias e vendidas em pacotes de dez dúzias para restaurantes e famílias que preferem preparar a receita em casa.

Do preparo mais tradicional com manteiga de ervas aromatizadas a pratos mais elaborados, tem escargot para todos os gostos! Iniciada em 1979, a criação

se tornou a principal fonte de renda e também um projeto de vida para o casal. “Representa saúde”, resume Carlos. “Na vida executiva, eu vinha do setor alimentício e tinha os contatos, mas, na aposentadoria, é importante manter independência financeira e uma rotina produtiva. Isso traz respeito e propósito.” Celina complementa: “Se eu me esforço e me interesso pela atividade, vale a pena.”

No ritmo calmo dos próprios



**Os caracóis são hermafroditas incompletos,
ou seja, precisam de um parceiro para a fecundação.
As posturas ocorrem o ano inteiro, e cada
uma pode render em média 137 ovos.**

caracóis, que levam uma hora para percorrer cinco metros, a helicultura avança devagar e sempre. Hoje, há até quem crie escargots como animais de estimação.

Suporte técnico e incentivos

Para quem deseja iniciar na atividade, o apoio técnico é o primeiro passo. “A CATI tem unidades em todo o estado de São Paulo e está à disposição para orien-

tar o produtor sobre estrutura, alimentação, temperatura, umidade e aquisição de matrizes da espécie correta”, explica Carlos Augusto Targa Romani, especialista agropecuário da Casa da Agricultura de Piracaia.

Ele destaca também as linhas de financiamento oferecidas pela Secretaria da Agricultura e Abastecimento do Estado, com juros a partir de 2% ao ano, voltadas a produtores rurais com CNPJ.

NOVORMON®

I A
T F

CONFIANÇA

O RESULTADO QUE VOCÊ REALMENTE
ESPERA DA IATF. SEM SURPRESAS!



DISPONÍVEL EM
100 ML E 25 ML.



ACESSE
O VÍDEO
COMPLETO.

zoetis



Produtividade de volta

Cafeicultor recupera fertilidade do solo com apoio do Feap PSA. Projeto em Caconde é um entre centenas realizados no Estado e mostra como o manejo adequado pode transformar áreas degradadas em solos férteis e produtivos.

Texto: Bárbara Beraquet • Imagens: Rodrigo Di Carlo - CATI SP





Na Estância Portal Mantiqueira, em Caconde, o cafeeicultor Paulo José Aillo Bastos viu sua terra rebrotar. Depois de mais de duas décadas de exploração desordenada de cascalho, o terreno havia se transformado em um cenário de erosão e voçorocas profundas, o que comprometia a fertilidade do solo e provocava o assoreamento de nascentes e cursos d'água.

Para recuperar a área e retomar, ali, a produção de café, Pau-

lo procurou o apoio da CATI, órgão de assistência técnica e extensão rural da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo. “A Casa da Agricultura de Caconde foi a porta de entrada desse trabalho na minha propriedade”, conta.

Por meio do Fundo de Expansão do Agronegócio Paulista (Feap) - Pagamento por Serviços Ambientais (PSA), na linha Berçoes D'Água, foi elaborado um plano detalhado de recuperação do

Para recuperar a área e retomar a produção de café, Paulo procurou o apoio da CATI, órgão de assistência técnica e extensão rural da Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo.



solo e adequação da área para o novo uso agrícola. O trabalho incluiu a construção de terraços para contenção da água e a recomposição da fertilidade, com técnicas que permitiram o retorno da produção e a proteção ambiental.

O engenheiro agrônomo Osmar de Almeida Junior, da CATI Regional São João da Boa Vista, acompanhou todas as etapas do projeto. “Tínhamos aqui uma voçoroca com mais de oito metros de profundidade, que foi tratada. Fizemos calagem, gessagem e o plantio de braquiária. As plantas já estão em processo de formação”, explica.

Para o chefe de divisão da CATI Regional São João da Boa Vista, Daniel Belutti, o Feap PSA é uma ferramenta essencial de sustentabilidade rural. “Tudo o que é feito aqui tem relação direta com a água — o benefício vai além da propriedade, alcançando as nascentes e toda a região”, destaca.

A linha Feap PSA integra o Programa Estadual de Pagamento por Serviços Ambientais (PPSA), que regulamenta a Política Nacional de Pagamentos Ambientais no Estado de São Paulo. Seu objetivo é in-

PAULO JOSÉ AILLO BASTOS, PRODUTOR DE CAFÉ EM CACONDE/SP: “DEPOIS DE MAIS DE DUAS DÉCADAS DE EXPLORAÇÃO DESORDENADA DE CASCALHO, O TERRENO HAVIA SE TRANSFORMADO EM UM CENÁRIO DE EROÇÃO E VOÇOROCAS PROFUNDAS, O QUE COMPROMETIA A FERTILIDADE DO SOLO E PROVOCAVA O ASSOREAMENTO DE NASCENTES E CURSOS D'ÁGUA”.





A linha Feap PSA integra o Programa Estadual de Pagamento por Serviços Ambientais (PPSA), que regulamenta a Política Nacional de Pagamentos Ambientais no Estado de São Paulo.

centivar ações que contribuam para a recuperação e conservação dos serviços ecossistêmicos — como a captura de carbono, a redução de emissões de gases de efeito estufa e a preservação da biodiversidade, dos recursos hídricos e do solo.

O programa se divide em duas frentes: PSA Berços D'Água, voltado à contenção de erosões e recuperação do solo, e PSA Águas Rurais, com foco na proteção de nascentes e na gestão sustentá-

vel dos recursos hídricos. Com mais de R\$ 17 milhões investidos em 815 projetos em todo o Estado e subvenções de até R\$ 25 mil por produtor, o Feap PSA acumula mais de dez anos de resultados ambientais, sociais e econômicos positivos.

“O terreno me trará renda — não só para mim, mas para a comunidade local. Recuperar essa área é também resgatar nossa cultura cafeeira”, conclui Paulo, ansioso por colheitas futuras.





Menos água, mais produção

Sistema de bioflocos torna produção de tilápia mais sustentável e econômica em uso de água.



Estudo coordenado pela Embrapa Meio Ambiente, em parceria com a Itaipu Binacional, em Foz do Iguaçu/PR, demonstrou que o sistema de bio-flocos (BFT) permite uma produção intensiva com mínimo uso de água, alto aproveitamento de nutrientes e menor potencial de contaminação ambiental, consolidando-se como uma tecnologia estratégica frente aos desafios da produção de proteína animal. A pesquisa atual é uma continuida-

de de trabalhos iniciados há três anos que já havia comprovado vantagens dessa tecnologia.

Tainara Blatt, técnica agrícola da Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Trabalho e Agricultura de Foz do Iguaçu, explica que, durante 70 dias de cultivo experimental em tanques circulares de 4,2 m³ cada, foram produzidos quase 5 mil alevinos de tilápia em cada tanque. A produção foi mantida em alta densidade: cerca de 395 peixes por metro

A baixa necessidade de renovação hídrica e o reaproveitamento da água de cultivo reduz o risco de contaminação de corpos d'água e amplia a biossegurança.



cúbico. Ao fim do período de cultivo, foram observados taxa de sobrevivência de 98%, peso médio final de 20,4 gramas e conversão alimentar aparente de apenas 1,05, o que significa que corresponde ao consumo de 1,05 kg de ração para converter em 1kg de peso. “Esses índices demonstram não só o bom desempenho zootécnico, como também a eficiência alimentar das tilápias no sistema BFT, que estão relacionadas com o consumo do floco microbiano com alimento complementar, que além de apresentar alto teor de proteína, possui também bactérias probióticas”, relata Blatt.

Os pesquisadores utilizaram a análise do balanço de massa — baseada na lei da conservação de massa — para estimar as entradas (ração, água e biomassa de peixes inicial) e saídas de nutrientes (bi-



TAINARA
BLATT, TÉCNICA
AGRÍCOLA DA
SECRETARIA DE
DESENVOLVIMENTO
ECONÔMICO,
TRABALHO E
AGRICULTURA DE
FOZ DO IGUAÇU



Apesar da escassez de estudos que avaliem o sistema de forma integrada, os pesquisadores deve incorporarferramentas como a análise do ciclo de vida e o cálculo da pegada de carbono.

omassa de peixes final, efluentes líquidos e sólidos), além de perdas ao longo do processo. “Esse tipo de abordagem permite avaliar com precisão a retenção de carbono, nitrogênio e fósforo e estimar o potencial de poluição”, destaca Alex Cardoso, pesquisador colaborador do projeto.

De acordo com a pesquisa, o BFT reteve 45,4% do nitrogênio, 46,3% do fósforo e 29,7% do carbono fornecidos principalmente pela ração. Ao fim do ciclo, a carga

residual de nutrientes por tonelada de peixe, foram de 10,24 kg de fósforo, 46,63 kg de nitrogênio e 442,47 kg de carbono. “Esses valores são muito inferiores aos observados em sistemas tradicionais, como tanques-rede, que podem liberar até 18,25 kg de fósforo, 77.50 kg de nitrogênio e 700 kg de carbono por tonelada de tilápia produzida”, compara o pesquisador da Embrapa Hamilton Hisano. Essa eficiência se deve à principal característica do BFT: a



reciclagem de nutrientes pela ação de microrganismos que formam os bioflocos. O BFT utiliza apenas 135 litros de água por quilo de tilápia. A baixa necessidade de renovação hídrica e o reaproveitamento da água de cultivo reduz o risco de contaminação de corpos d'água e amplia a biossegurança, como também potencializa a utilização do BFT em regiões de escassez hídricas e também em regiões urbanas e periurbanas.

A água dos tanques foi monitorada continuamente, com controle rigoroso de temperatura, oxigênio dissolvido, sólidos suspensos e nutrientes. O equilíbrio do sistema foi mantido pela adição de açúcar como fonte de carbono, mantendo a proporção carbono:nitrogênio em 12:1. Essa estratégia favorece o crescimento bacteriano em detrimento de algas, como demonstrado pela queda progressiva nos níveis de clorofila-a ao longo do cultivo.



HAMILTON HISANO,
PESQUISADOR DA
EMBRAPA.



O estudo também aplicou indicadores de sustentabilidade divididos em categorias como uso e eficiência de recursos, liberação de poluentes e conservação da biodiversidade. O BFT obteve classificação de impacto moderado (nível 4) quanto ao risco à biodiversidade, inferior à dos sistemas abertos, que oferecem maior risco de escape de espécies e contaminação ambiental. “Como sistema fechado, o BFT proporciona maior controle sobre a produção e os resíduos gerados”, destaca Tainara Blatt.

Elevado consumo de energia

Para André Watanabe e Celso Buglione da Itaipu Binacional, o principal desafio identificado foi o

elevado consumo energético, estimado em 114,6 megajoules por quilo de peixe produzido — valor associado à necessidade de aeração contínua e manutenção das condições do sistema. Para ampliar a adoção do BFT, os pesquisadores apontam a urgência de investir em fontes de energia renováveis e no aprimoramento da eficiência dos equipamentos utilizados.

Resíduos podem se tornar fertilizantes ou ração

Outro destaque do trabalho foi a possibilidade de reaproveitamento dos resíduos sólidos removidos do sistema. Com potencial para serem transformados em fertilizantes ou ingredientes para

ração, esses subprodutos podem agregar valor e contribuir para a circularidade da produção, reforçando o caráter sustentável do BFT.

Apesar da escassez de estudos que avaliem o sistema de forma integrada, os pesquisadores ressaltam que ferramentas como a análise do ciclo de vida e o cálculo da pegada de carbono podem ser incorporadas futuramente para mensurar com mais precisão os impactos ambientais da piscicultura em bioflocos.

Com base nos dados obtidos, os pesquisadores concluem que o sistema BFT oferece uma solução tecnicamente viável e ambientalmente mais segura para a intensifi-

cação da aquicultura. Seu uso racional de recursos naturais, a capacidade de reter nutrientes e o controle sobre os impactos ambientais o posicionam como alternativa estratégica para a produção de proteína aquática frente às pressões crescentes por segurança alimentar e preservação dos ecossistemas.

O estudo, reforça a importância de investimentos em pesquisa, monitoramento e inovação para aprimorar ainda mais a sustentabilidade dos sistemas aquícolas. Em regiões como o semiárido ou áreas periurbanas com uso restrito da água, o BFT pode representar a chave para uma aquícul-





tura eficiente, ambientalmente responsável e alinhada às demandas do futuro.

Produtores aprovam a tecnologia

O trabalho com bioflocos na Embrapa Meio Ambiente começou em 2013 e ganhou novo fôlego com a parceria da Itaipu Binacional. Na vitrine tecnológica instalada na usina, tanques em funcionamento permitem validar a tecnologia em condições reais de produção.

Durante o International Fish Congress & Fish Expo Brasil (IFC Brasil 2025) foi realizado um dia de campo que reuniu mais de 30 participantes entre produtores, técnicos e estudantes. O evento apresentou conceitos básicos do BFT,

monitoramento da qualidade da água e técnicas de manejo dos sólidos em suspensão, em atividades práticas e laboratoriais, aproximando a pesquisa do setor produtivo.

Valério Angelozi, produtor participante, destacou que as práticas apresentadas podem ser aplicadas de imediato. “As técnicas de manejo de água são fundamentais para o bem-estar dos peixes e evitam perdas. O sistema reutiliza a água e promove sustentabilidade. Já penso em construir uma unidade experimental na minha propriedade”, conta. O técnico da Embrapa Anibal Santos reforça que este tipo de evento aproxima os produtores das tecnologias que estão sendo geradas e fortalece a relação para potenciais parcerias.

NOVA
L200 TRITON
TERRA

JUNTAMOS **PAIXÃO E FORÇA** PARA LANÇAR
UMA PICAPE FEITA PARA O CAMPO.

Terra & Blue



4x4
É MITSUBISHI

PAIXÃO POR PICAPES
mitsubishimotors.com.br


MITSUBISHI
MOTORS



Plantando na floresta

Pioneira no segmento, iniciativa desenvolvida pela Agropalma cria, há mais de 20 anos, um ecossistema de oportunidades para pequenos produtores na Amazônia.



A certeza de uma renda estável é um pilar fundamental para uma vida digna, contudo, essa ainda é uma realidade distante para milhões de indivíduos no planeta. O relatório “Perspectivas Sociais e do Emprego no Mundo: Tendências 2024”, desenvolvido pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), uma agência da ONU, alerta que a desigualdade de renda tem se aprofundado, com a inflação erodindo o poder de compra da população. Essa defasagem, historicamente sentida de forma mais intensa em zonas rurais, tanto limita o acesso a serviços essenciais como saúde e educação quanto compromete o bem-estar e as perspectivas de futuro dessas pessoas.

No Brasil, para os pequenos produtores, que representam a base da fabricação de alimentos do país, esse cenário é ainda mais crítico. A volatilidade dos preços, a falta de acesso a insumos de qualidade e a ausência de garantia de compra para suas safras torna o planejamento financeiro de longo prazo uma tarefa complexa. Nesse contexto, é essencial sugerir formas de intervenção, como prometem os debates da COP30, em Belém (PA), em novembro próximo, a fim de oferecer segurança monetária e social.

Para a Agropalma, empresa brasileira reconhecida mundialmente como referência na produção sustentável de óleo de palma, propor abordagens que tenham como foco principal a geração de



oportunidades é um dos caminhos mais eficientes. O ponto de vista é baseado na prática, uma vez que a companhia reúne um longo histórico em iniciativas de impacto socioambiental na região amazônica, no Pará.

JOYCE ROSA E
BEATRIZ RAUPP,
MÃE E FILHA,
AGRICULTORAS
PARCEIRAS DA
AGROPALMA.

Programa de Agricultura Familiar e Integrada

Em 2002, a Agropalma foi pioneira no lançamento do Programa de Agricultura Familiar e Integrada, direcionado a atender pequenos produtores que até então viviam da agricultura de subsistência e do extrativismo, e contribuir com o fortalecimento da economia local e a melhoria da qualidade de vida. No início, cerca de 50 famílias eram atendidas. Hoje, a iniciativa já conta com 439 agricultores familiares e 66 produtores integrados.

Para Antonio Jorge Brandão, gerente do Programa de Agricultura Familiar e Produtores Integrados, o sucesso longo da iniciativa está na assertividade das ações, baseadas em necessidades reais. “Há mais de duas décadas entendemos que os



A certeza de uma renda estável é um pilar fundamental para uma vida digna, contudo, essa ainda é uma realidade distante para milhões de indivíduos no planeta.

agricultores não precisam de doações – e, sim, de oportunidades. Eles são o elo mais vulnerável do sistema produtivo e não podem ser tratados como um experimento. Precisamos chegar até eles com projetos concretos, estruturados e viáveis se quisermos gerar resultados de verdade”, afirma.

O programa consiste em viabilizar oportunidades de trabalho, fornecendo acesso aos melhores materiais de plantio e insumos agrícolas, além de aconselhamento, apoio técnico e treinamento contí-

nuo sobre práticas de sustentabilidade e requisitos legais. Foi por meio do projeto, por exemplo, que a companhia apresentou aos parceiros a proposta dinâmica de cultivar palma, em consórcio com outras culturas, como a mandioca e a pimenta-do-reino, que contam com um ciclo de produção mais curto. Isso significa que, enquanto os produtores aguardam o período necessário de 24 a 28 meses para colher os primeiros frutos da palma, há a opção de garantir a renda com essa outra colheita cultivada



nos mesmos hectares do dendê. Diante desse panorama, a Agropalma assegura a compra de 100% dos frutos da palma produzidos pelas famílias, independentemente da variação do mercado, seguindo uma política justa de precificação. Esse é um dos principais diferenciais da companhia e permite aos agricultores a sustentação da parceria no longo prazo. Como resultado, 23,3% dos frutos processados na fábrica da produtora têm como origem as plantações de produtores parceiros. Em contrapartida, a iniciativa colaborou com o aumento de 528% da renda dessas pessoas.

“É gratificante notar que uma ação que começou atendendo muitas famílias em situação de vulnerabilidade extrema, hoje já carrega histórias de sucesso. As pessoas se converteram em donas do próprio negócio e, somado a isso, as mulheres ganharam autonomia. Famílias passaram a ter qualidade de vida, ao passo que pais e mães vislumbram um amanhã mais digno para seus filhos, seja no meio urbano ou rural. São os frutos do campo”, celebra André Borba, diretor Agrícola da Agropalma. “Essa iniciativa legítima que somos a mudança que que-

SENHOR NONATO,
AGRICULTOR
FAMILIAR DA VILA DE
JUTAÍ



remos ver no mundo e que esse futuro começa agora com o envolvimento de diversas partes.”

Histórias que inspiram

Dona Iracema Pinto ingressou no projeto em 2005. Com 8 hectares dedicados apenas ao plantio de palma, a matriarca coordena toda a estrutura e operação, que conta com a família inteira. “Meus filhos cuidam do trabalho braçal. Eu assumo outras funções, porém quando é preciso vou com eles para o campo”, destaca. Como resultado do envolvimento com o programa no longo prazo, Iracema conquistou o sonho da casa própria e ajudou os filhos a alcançarem metas pessoais.

Outra produtora que lidera a

cultura de palma é Ângela Maria Santos, que já construiu sua casa e adquiriu um carro. Ângela diz que não há segredos para conseguir crescer com o dendê. “Você só não precisa ter medo de trabalhar. Lembro que quando comecei ia de domingo a domingo. Agora, me dou folga aos finais de semana. Hoje, eu contrato pessoas para ajudarem minha família”, ressalta.

Esses relatos são um exemplo de que iniciativas bem estruturadas podem não somente proporcionar geração de renda, que consequentemente auxiliam para ter uma qualidade de vida melhor, como também possibilitar o protagonismo de grupos política e socialmente desfavorecidos. A crescente presença feminina no cam-



po, em particular, é uma tendência nacional: o último Censo Agropecuário do Brasil (2017) já apontava mais de 6 milhões de mulheres em atividade no setor, e indicadores recentes, como o do Programa de Aquisição de Alimentos, segundo o qual mais de 63% dos fornecedores são agricultoras, confirmam esse crescimento.

Refletindo esse movimento, o Programa de Agricultura Familiar e Integrada da Agropalma também já conta com uma ampla participação feminina: 26,19% dos produtores envolvidos e beneficiados pela iniciativa são mulheres. O percentual é superior à média nacional apresentada pelo Censo, que indica que 19% dos estabelecimentos rurais são

dirigidos por mulheres. Esse é um importante indicativo de que ações como a da companhia tem colaborado para combater a invisibilidade rural deste grupo social.

"Nós acreditamos que um agro-negócio justo e produtivo é, por natureza, sustentável. E a chave para atingir esse equilíbrio é a pluralidade. Ao impulsionar o avanço feminino no campo, estamos ativamente erguendo um futuro para o mercado onde as decisões integram, desde o início, os pilares econômico, ambiental e social com um único objetivo: construir um setor mais próspero, resiliente e equitativo para todos", defende Monica Neves, gerente de Responsabilidade Socioambiental da Agropalma.



Escolhida por quem mais entende: **você!**

Com orgulho, anunciamos que somos vencedores
do Top of Mind Rural 2025, pela 5ª vez consecutiva.

Categorias premiadas:



Vitâmínicos para equinos



Brincos mosquicidas

Essa conquista **reflete a confiança** dos nossos parceiros,
e compromisso contínuo com o bem-estar animal.



A STIHL ESTÁ NA LEMBRANÇA DOS PRODUTORES PORQUE FAZ PARTE DO SEU DIA A DIA

Mais uma vez, a STIHL é Top of Mind Rural, prêmio da Revista Rural, nas categorias Motosserras e Roçadeiras. Esse reconhecimento é resultado de uma parceria que se fortalece diariamente, sempre que o produtor rural encontra em cada um de nossos produtos um aliado para o seu trabalho. Obrigado a todos pela confiança.



Top of mind



@STIHLBRASIL



STIHL BRASIL



@STIHL-OFFICIAL



STIHL BRASIL OFICIAL

STIHL.COM.BR

STIHL